



GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e perspectivas

Fabiola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a)

O objetivo deste GT é promover a discussão sobre as interfaces entre ciência, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produção antropológica contemporânea. Dessa forma, busca ampliar o espaço de discussão do campo da Antropologia da Ciência e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na intenção de refletir sobre as perspectivas dessas investigações para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicalização, práticas de produção de conhecimento em laboratórios e as interfaces entre conhecimentos científicos e não científicos têm sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, questões como as relações entre humanos-não humanos (dentro e fora de instituições científicas), redes de produção de ciência e tecnologia e as interações entre "nós" e cosmologias não ocidentais vêm dando cada vez mais densidade à reflexão antropológica. Ao lado da renovação dos temas de pesquisa, antropólogos/as envolvidos com a tecnociência vêm também ajudando a reconstruir teorias. Seja na crítica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, temas como associações, performactivity e políticas ontológicas vêm ganhando terreno na análise social, com forte participação de antropólogos/as e do método etnográfico. O GT buscará reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflexão sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cenário de reflexões.

“Errar (meioticamente) é humano”: controvérsias em torno dos casos de mosaicismos embrionários na prática clínica dos screenings pré-implantacionais

Autoria: Janaína Freitas

No ano de 1967, um manuscrito, publicado na revista Nature por Robert Edwards e Richard Gardner fez a primeira menção científica ao que hoje é conhecido como diagnóstico ou screening pré-implantacional. O diagnóstico e o screening pré-implantacional prevê a identificação de alterações genéticas e cromossômicas nos embriões através da biópsia e da análise de algumas células com vistas à seleção de embriões saudáveis para a implantação uterina. Durante entrevistas com médicos e embriologistas que realizam esses diagnósticos, empreendidas como parte da minha pesquisa de doutorado, me deparei com um interessante achado etnográfico: altas taxas de mosaicismos embrionários identificadas através do screening pré-implantacional. O mosaicismos é uma ocorrência biológica, desenvolvida durante a fase de divisão celular, em que há a presença de células euploides (normais) e aneuploides (anormais) em um mesmo embrião. O screening pré-implantacional para aneuploidias demonstrou que as taxas de mosaicismos embrionários, consideradas falhas genéticas, são tão altas que, a depender da idade materna, podem inclusive ser superiores as taxas de normalidade, tal como me relatou um médico entrevistado: “se viu em laboratório que 50% a 60% dos embriões, feitos em laboratório, são aneuploides, são cromossomicamente alterados (...) E com a idade, isso aumenta, acima de 45 anos é 70%.” Os mosaicismos podem apresentar diferentes taxas de células euploides e aneuploides incorrendo em complicados dilemas técnicos e éticos na prática do screening pré-implantacional no que se refere à seleção embrionária. Tendo em vista que a biópsia embrionária é realizada apenas em algumas das células do embrião podendo gerar uma alta ocorrência de erros de



diagnóstico, e que nem todos os casos de mosaicismos produzem alterações fenotípicas (e mesmo quando produzem, nem todas apresentam riscos graves à saúde), os médicos, embriologistas e pacientes ficam com a dúvida: ?transfere ou não transfere??. O caso do mosaicismo embrionário parece ser um produtivo achado etnográfico para pensar sobre as relações entre técnica e biologia, em um contexto de desenvolvimento de diagnósticos genéticos precoces. Afinal, trata-se de uma técnica que pretende selecionar embriões ?normais? para implantação e se depara, na prática, com altíssimas taxas de anormalidade cujos efeitos fenotípicos são apenas parcialmente previsíveis. Uma das frases da embriologista: ?A gente não sabe quantos de nós somos mosaicos. Quem que vai lá fazer teste genético??. reflete um pouco essas controvérsias. Este work pretende iniciar a discussão desses recentes achados etnográficos que sugerem que a multiplicidade genética pode ser muito mais comum do que imaginamos, sendo (ironicamente) desvelada por um aparato de normalização.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

